



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS

GABRIEL WANDER ALVES DA SILVA

**REFLEXÕES CINEMATOGRAFICAS SOBRE A SOCIEDADE DO CONSUMO:
ANÁLISE CRÍTICA DO CAPITALISMO TARDIO E SUAS REPRESENTAÇÕES
NO FILME *WALL-E* (2008)**

GUARABIRA
2023

GABRIEL WANDER ALVES DA SILVA

**REFLEXÕES CINEMATOGRAFICAS SOBRE A SOCIEDADE DO CONSUMO:
ANÁLISE CRÍTICA DO CAPITALISMO TARDIO E SUAS REPRESENTAÇÕES
NO FILME *WALL-E* (2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Cinema.

Orientadora: Profa. Aline Oliveira do Nascimento.

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Gabriel Wander Alves da.
Reflexões cinematográficas sobre a sociedade do consumo [manuscrito] : análise crítica do capitalismo tardio e suas representações no filme Wall-E (2008) / Gabriel Wander Alves da Silva. - 2023.
27 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
Orientação : Profa. Aline Oliveira do Nascimento, Departamento de Letras - CH

1. Cinema . 2. Capitalismo. 3. Subtexto. 4. Consumismo. I.
Título

21. ed. CDD 791.43

GABRIEL WANDER ALVES DA SILVA

REFLEXÕES CINEMATOGRAFICAS SOBRE A SOCIEDADE DO CONSUMO:
ANÁLISE CRÍTICA DO CAPITALISMO TARDIO E SUAS REPRESENTAÇÕES NO
FILME WALL-E (2008)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito à obtenção do
título de Licenciado em Letras Inglês.

Área de concentração: Cinema.

Aprovada em: 31/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

Aline Oliveira do Nascimento
Profa. Aline Oliveira do Nascimento (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

José Viliam Mangueira
Prof. Dr. José Viliam Mangueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldir Kennedy Nunes Calixto
Prof. Esp. Waldir/Kennedy Nunes Calixto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe dedico esta lembrança de
agradecimento pela sua tutela e presença
na minha vida.

“O capitalismo subordina os homens às máquinas em vez de usar máquinas para libertar os homens do fardo do trabalho mecânico e repetitivo” (Mandel, 1976, p. 37, tradução nossa).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico para “meu Iphone está travando”	13
Figura 2 – Proliferação de propagandas nas redes sociais	14
Figura 3 – Wall-E encontra a caixa.....	18
Figura 4 – Wall-E joga fora a aliança.....	18
Figura 5 – Wall-E cultivando uma planta	18
Figura 6 – Humanos na Axiom	19
Figura 7 – Smartphones na atualidade	19
Figura 8 – Axiom	20
Figura 9 – Times Square	20
Figura 10 – Identidade visual da BNL	21

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	ESPALHAMENTO DE TELA: A REFLEXÃO SOCIAL NO CINEMA	10
3	MAPEANDO O CAPITALISMO TARDIO	12
4	PANORAMA FÍLMICO: UMA PERSPECTIVA INTERPRETATIVA	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	

REFLEXÕES CINEMATOGRAFICAS SOBRE A SOCIEDADE DO CONSUMO: ANÁLISE CRÍTICA DO CAPITALISMO TARDIO E SUAS REPRESENTAÇÕES NO FILME *WALL-E* (2008)

Gabriel Wander Alves da Silva¹

RESUMO

Este estudo centra-se na análise das representações do capitalismo tardio no filme *Wall-E* dirigido por Andrew Stanton, e lançado em 2008. Na introdução, é destacado o cinema como uma plataforma vital para a expressão sociocultural. Os objetivos principais são examinar criticamente como o filme aborda o capitalismo tardio. No embasamento teórico, são exploradas as teorias do capitalismo tardio e os conceitos dos estudos de cinema relacionados às questões sociais e políticas. A análise central se concentrou nas representações do capitalismo tardio presentes no enredo e nas ações do filme. Além disso, são analisados os elementos visuais que contribuem para a transmissão da mensagem crítica, evitando avaliações subjetivas. Nas conclusões, são destacados os *insights* finais em relação aos objetos de estudo e se reconhecem as limitações da pesquisa. Este estudo oferece uma compreensão mais profunda das interações entre a narrativa cinematográfica e as dinâmicas do capitalismo tardio, incentivando reflexões sobre a sociedade contemporânea e possíveis caminhos em direção a um futuro mais consciente e sustentável.

Palavras-Chave: cinema; capitalismo; subtexto; consumismo.

ABSTRACT

This study focuses on analyzing representations of late capitalism in the 2008 movie *Wall-E*, directed by Andrew Stanton. In the introduction, cinema is highlighted as a vital platform for sociocultural expression. The main objectives are to critically examine how the movie addresses late capitalism. In the theoretical framework, theories of late capitalism and concepts from film studies related to social and political issues are explored. The central basis focused on representations of late capitalism within the plot and actions of the movie. Additionally, visual elements contributing to the transmission of the critical message are analyzed, avoiding subjective assessments. In the conclusions, final insights regarding the studied objects are highlighted, and the research's limitations are acknowledged. This study provides a deeper understanding of the interactions between cinematic narrative and the dynamics of late capitalism, encouraging reflections on contemporary society and potential paths toward a more conscious and sustainable future.

Keywords: cinema; capitalism; subtext; consumerism.

¹ Graduando em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: gabriel.wander@aluno.uepb.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A desconstrução da estrutura narrativa é uma importante ferramenta estudantil. E o seu valor pode ser atribuído ao seu aspecto estudantil. A partir dela é possível o resgate de significados escondidos nos textos, que talvez não fossem identificados pelos leitores mais leigos. É desse interesse que se originam os objetivos específicos como o embasamento do subtexto no filme, os recursos usados na obra e suas ramificações aplicadas na mídia.

A intersecção entre cinema e sociedade tem oferecido uma plataforma única para a exploração e crítica das complexidades contemporâneas. No centro desse palco, o capitalismo tardio emerge como um tema intrincado, evocando debates sobre consumismo, alienação, impacto ambiental e o equilíbrio entre prosperidade econômica e bem-estar social. Nesse contexto, o filme *Wall-E*, dirigido por Andrew Stanton e lançado em 2008, se destaca como uma obra que, por meio de sua narrativa visual e sua simbologia, tece um intrincado contexto de reflexões sobre a sociedade do consumo e as características do capitalismo tardio.

A relevância do cinema como espelho da sociedade encontra na obra em análise um meio textual para desvelar as nuances do capitalismo moderno. À medida que o consumismo excessivo e a dependência da tecnologia caracterizam cada vez mais nossas vidas, o filme nos transporta para um futuro distópico no qual tais tendências foram levadas ao extremo. A jornada do personagem Wall-E e seus encontros com os resquícios da humanidade lançam uma luz inquisitiva sobre a humanização do consumo e a erosão das relações humanas genuínas em um cenário de abundância material e isolamento social.

Ao adentrar a narrativa de *Wall-E*, torna-se essencial compreender as teorias do capitalismo tardio que moldam seu subtexto. O filme encapsula as consequências de um sistema que enfatiza o crescimento econômico sem limites, enquanto os traços distópicos projetam um futuro não tão distante, carregado de reflexões sobre o rumo da humanidade. A análise de suas representações visuais e narrativas em relação à essas teorias revela uma tessitura complexa de críticas e questionamentos, cujos objetos aparentemente mundanos ganham uma dimensão simbólica profunda, delineando as sutilezas da relação entre sociedade e capitalismo.

À medida que esta investigação adentra os recessos do filme, a compreensão das características do capitalismo tardio e a análise das representações cinematográficas se conectam em um discurso subtextual, fornecendo reflexões não apenas sobre a obra em si, mas também sobre as dinâmicas complexas que regem nossa contemporaneidade. Ao desvendar os estratos das relações entre consumismo, tecnologia, alienação e busca por significado, esta análise pretende contribuir para uma apreciação mais profunda das reflexões que *Wall-E* (2008) provoca, e, por extensão, estimular o questionamento da sociedade do consumo e os caminhos que ela traça em direção ao futuro.

Mostra-se importante estudar a estrutura narrativa na área de letras, pois os alunos que mais conseguem se aprofundar na análise da estrutura da narração literária (e por extensão, da narração na área de cinema) conseguem desenvolver as suas habilidades de pensamento crítico e de compreensão textual de forma mais rápida e dinâmica, como é defendido no artigo *Why is narrative writing important?* (porque a escrita narrativa é importante?), publicado pelo serviço acadêmico americano *Bright Education* em 2015: “Estudar as entrelinhas da narração melhora a habilidade do estudante de ler e entender textos, o que significa que ele ou ela

ganhará habilidades de leitura mais avançadas”² (Bright Education, 2015, *On-line*, tradução nossa).

Além disso, a análise de narrativa também pode se tornar uma ferramenta de exploração introspectiva (ou de filosofia própria). Desse modo, o cinema não é só uma plataforma de entretenimento, mas também um ambiente de discussão de ideias e arquétipos que podem ser usados para a reflexão de comportamentos e costumes que estão presentes em todos os planos de existência do comportamento humano na vida real (Thomas, 2015).

A escolha de *Wall-E* como objeto de estudo é justificada pela sua capacidade de encapsular e expressar criticamente as complexidades do capitalismo tardio. O filme não apenas projeta uma visão futurista, mas também reflete as realidades contemporâneas, enfatizando o consumismo exacerbado, a alienação humana e as preocupações ambientais. Além disso, a narrativa visualmente rica e o simbolismo intrincado presentes no filme oferecem um terreno fértil para a análise das representações do capitalismo tardio, permitindo uma exploração aprofundada das interações entre sociedade, economia e cultura. Ao selecionar *Wall-E*, busca-se desvendar as camadas ocultas de significado que permeiam a narrativa, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das reflexões cinematográficas sobre um tema de relevância socioeconômica e cultural.

A problemática reside na reflexão sobre a persistência do capitalismo tardio na sociedade contemporânea e nas complexas implicações que isso acarreta. À medida que o mundo avança no século XXI, a presença do capitalismo tardio se salienta, continuando a moldar as relações econômicas, sociais e culturais. Como esta estrutura econômica influencia as narrativas cinematográficas no filme *Wall-E* (2008)? Como as representações simbólicas e narrativas dentro desse filme ecoam as características desse sistema socioeconômico? E, talvez ainda mais crucialmente, como essas representações cinematográficas podem catalisar uma compreensão mais profunda das interações entre sociedade e capitalismo tardio, desencadeando reflexões críticas sobre nosso presente e futuro? Eis o que pretendemos investigar com este trabalho.

A metodologia adotada neste trabalho seguiu uma abordagem interdisciplinar que combinou análise cinematográfica, estudos de literatura e teoria social. A escolha dessa metodologia baseou-se na natureza complexa e multifacetada do tema, que exigiu uma visão holística para uma compreensão completa das representações do capitalismo tardio no filme.

O processo de pesquisa começou com uma revisão detalhada da literatura relacionada ao capitalismo tardio, consumo, alienação tecnológica e questões ambientais, que foi feita por meio de artigos e livros. Essa revisão bibliográfica serviu como alicerce teórico para a análise subsequente do filme. Os conceitos-chave derivados dessas fontes acadêmicas foram usados para informar a análise do filme.

A análise do filme foi realizada por meio de uma abordagem crítica que se concentrou nas representações do capitalismo tardio ao longo da narrativa. Cenas e diálogos relevantes foram identificados e examinados em detalhes. Além disso, a análise inclui a interpretação de elementos simbólicos e visuais presentes no filme, com atenção especial para o modo como esses elementos contribuem para a mensagem global da obra.

A metodologia centrada neste trabalho visou fornecer uma análise abrangente e aprofundada das representações do capitalismo tardio no filme. Ela integrou

² Original: Studying narrative style improves a student's ability to read and understand narrative texts, which means he or she will gain improved reading skills.

abordagens teóricas, permitindo uma compreensão das complexidades desse tema e suas implicações sociais e econômicas. A combinação de análise crítica, interpretação simbólica e pesquisa interdisciplinar contribui para uma análise rigorosa e significativa deste filme como espelho da sociedade contemporânea.

Para a base social inicial deste trabalho foram utilizados estudos bibliográficos de Ernest Mandel por meio do seu livro *O Capitalismo Tardio*, de 1975, do qual foram utilizados conceitos de definição da era do sistema econômico em que vivemos atualmente. Em seguida, entraram em foco livros de conhecimentos fílmicos e literários, como *Cinematic Metaphor* (Metáfora Cinemática) de Müller C. & Kappelhoff F. publicado em 2018, assim como *A Linguagem Cinematográfica* (2005) de Marcel Martins, ambos abordando o reconhecimento e definição das metáforas no mundo dos filmes, e *If It's Purple then Someone's Gonna Die* (Se é Roxo então Alguém Vai Morrer) escrito pela autora Patti Bellantoni e publicado em 2005, que aborda a teoria das cores no contexto do mundo dos filmes e peças de teatro. Desta forma, cada escolha de texto visou dialogar com as suas respectivas ideias de conexão que são retratadas na pesquisa.

2 ESPELHAMENTO DE TELA: A REFLEXÃO SOCIAL NO CINEMA

A sétima arte, o cinema, transcende a sua definição como forma de entretenimento. Ele é, também, um espelho que reflete as preocupações, os dilemas e os valores de uma sociedade em constante evolução. Assim, como uma das formas mais poderosas de expressão artística e cultural, o cinema desempenha um papel fundamental como cronista e crítico das questões sociais e políticas de seu tempo, por meio de conexões sensoriais o cinema consegue nos atrair de maneira inconsciente (Müller; Kappelhoff, 2018). Nesse sentido, cineastas utilizam a narrativa cinematográfica como uma ferramenta para analisar profundamente as complexidades da sociedade, desvelando aspectos muitas vezes ocultos ou subestimados.

Ao longo da história do cinema, desde seus primórdios até os dias atuais, cineastas e artistas em geral têm se comprometido a explorar, questionar e provocar reflexões sobre as questões que moldam nossas vidas (Müller; Kappelhoff, 2018). Eles capturam não apenas os aspectos visíveis da sociedade, mas também as correntes metaforicamente subterrâneas de pensamento, as tensões sociais e as lutas por justiça e igualdade. Essa capacidade de utilizar a linguagem visual e narrativa para comentar sobre questões sociais e políticas permite ao cinema ser um veículo de conscientização e mudança.

Nesse contexto, esta análise se propõe a explorar o cinema como um espelho social, um meio pelo qual cineastas oferecem perspectivas profundas sobre as dinâmicas sociais e políticas de suas épocas. Através de um estudo das narrativas cinematográficas e das escolhas estilísticas dos diretores, esta análise buscará desvendar como o cinema transcende sua função de entretenimento para se tornar uma voz crítica e visionária da sociedade. Será examinado, a partir de *Wall-E* (2008), como os cineastas usam o filme como uma ferramenta de iluminação de questões prementes, desafiando convenções estabelecidas e, em última análise, inspirando a mudança. Através dessa lente cinematográfica, são examinadas as narrativas que moldam nossa compreensão do mundo e, por vezes, nos instigam a redefinir nossas próprias convicções e aspirações.

Enquanto é introduzido o conceito do papel do cinema como um espelho social, é possível exemplificar essa capacidade do cinema por meio de outras obras que transcenderam seu tempo e que conseguem refletir as preocupações profundas da sociedade, assim como *Wall-E* (2008). *Clube da Luta* (1999) é um exemplo dessa capacidade. Dirigido por David Fincher e baseado no livro de mesmo nome de Chuck Palahniuk, esta narrativa é uma obra cinematográfica que aborda questões sociais da sociedade contemporânea. O filme se destaca por sua representação moderna de temas como consumismo, alienação e masculinidade tóxica, que estavam no cerne das preocupações culturais da virada do milênio.

O enredo do filme gira em torno de um protagonista sem nome, interpretado por Edward Norton, que sofre de um profundo vazio existencial e uma sensação de deslocamento em uma sociedade que valoriza o consumo desenfreado e superficial. Ele conhece Tyler Durden, interpretado por Brad Pitt, e juntos eles formam o "Clube da Luta", um grupo clandestino que busca libertar-se das amarras da sociedade de consumo (Rotten Tomatoes, 2014). O filme retrata cenas intensas de luta física, mas, ao mesmo tempo, essas lutas representam um desejo de quebrar as convenções sociais e encontrar significado em um mundo que parece vazio.

O *Clube da Luta* (1999) aborda a cultura do consumismo de maneira contundente, mostrando como os personagens principais, e, por extensão, a sociedade em geral, estão presos em um ciclo de busca por felicidade através da aquisição de bens materiais. A narrativa enfatiza como essa busca incessante por coisas materiais muitas vezes leva à alienação, à perda de identidade e à sensação de futilidade. Além disso, o filme aborda a questão da masculinidade tóxica, apresentando personagens que buscam afirmar suas identidades de maneiras autodestrutivas. O relacionamento entre os personagens de Norton e Pitt é uma representação notável dessa dinâmica complexa.

O *Clube da Luta* (1999) gerou debates e discussões sobre a cultura do consumismo e a crise da identidade dos homens na sociedade contemporânea. Ele provocou reflexões sobre a natureza das aspirações individuais, a influência da publicidade e da mídia na formação de valores e a necessidade de se questionar as normas culturais. Sendo assim, *Clube da Luta* (1999) permanece como um exemplo de como o cinema pode servir como um espelho social, refletindo e provocando discussões sobre as preocupações e dilemas de sua época. Sua capacidade de abordar temas complexos de forma provocadora e impactante o torna uma obra duradoura no cânone cinematográfico.

Outra característica do cinema como um espelho social é a presença de construções metafóricas e simbolismo que acrescentam profundidade e complexidade às narrativas do meio artístico. Diretores frequentemente usam simbolismo e metáforas visuais para transmitir mensagens mais profundas sobre a sociedade, seus valores, medos e aspirações (Steains, 2023). Esse elemento intrincado da linguagem cinematográfica pode ser interpretado de várias maneiras, enriquecendo a experiência do espectador e estimulando a reflexão crítica. Em seu livro *A Linguagem Cinematográfica* (2005) o autor e crítico de cinema francês Marcel Martin formula a seguinte definição de metáforas visuais:

Chamo metáfora à justaposição, por meio da montagem, de duas imagens cuja confrontação deve produzir no espírito do espectador um choque psicológico com a finalidade de facilitar a percepção e a assimilação de uma ideia que o realizador quer exprimir. A primeira dessas imagens é geralmente um elemento da ação, mas a segunda (cuja presença cria a metáfora) pode também ser retirada da ação e anunciar a sequência da

narrativa, ou então pode constituir um facto fílmico sem qualquer relação com a ação, não tendo valor senão em relação com a imagem precedente (Martin, 2005, p. 118).

Já no filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991), dirigido por Jonathan Demme, um dos elementos simbólicos marcantes é a mariposa. O inseto aparece repetidamente ao longo do filme, e é associado ao assassino em série Buffalo Bill. No entanto, seu simbolismo vai além disso. A mariposa, por ser um inseto que sofre metamorfose, representa temas mais amplos relacionados à transformação e à busca da identidade. Esses elementos subliminares muitas vezes permitem que os cineastas comuniquem ideias complexas de maneira não verbal, envolvendo o espectador em um processo de decodificação e interpretação. Isso não apenas aprofunda a experiência cinematográfica, mas também incentiva o público a pensar criticamente sobre os temas abordados no filme.

Em última análise, a presença de construções metafóricas e simbolismo no cinema exemplifica como essa forma de arte pode transcender sua natureza para se tornar um meio de comentar e refletir sobre a sociedade. Isso nos convida a analisar os filmes não apenas como histórias, mas como espelhos que revelam aspectos profundos de nossa cultura, política e condição humana.

3 MAPEANDO O CAPITALISMO TARDIO

O capitalismo tardio emerge como um termo que ecoa na análise das complexidades socioeconômicas que caracterizam a contemporaneidade. Em uma era em que a globalização e a tecnologia transformaram os contornos do mundo, o capitalismo, como sistema econômico dominante, também evoluiu, gerando uma série de questões profundas e interconectadas. A noção de capitalismo tardio engloba uma multiplicidade de conceitos e transformações que abrangem desde o mundo do trabalho até a cultura de consumo, do poder corporativo às relações globais. Nessa abordagem, o capitalismo deixa de ser meramente um sistema econômico e se torna uma lente para examinar as estruturas mais amplas da sociedade e seus impactos nos indivíduos e no planeta.

O termo "capitalismo tardio" foi popularizado por teóricos que procuraram compreender como o capitalismo passou por fases de expansão e reestruturação ao longo do tempo. Ernest Mandel é habitualmente citado como o popularizador inicial da teoria por meio do seu livro *Late Capitalism* (Capitalismo Tardio), publicado em inglês em 1975. Segundo essa teoria, enquanto o capitalismo clássico estava fortemente vinculado à produção industrial, o capitalismo tardio se caracteriza por uma ênfase na financeirização e monopolização (Mandel, 1975). Essa transformação tem desdobramentos na maneira como as sociedades funcionam, desafiando conceitos tradicionais de trabalho, comunidade, consumo e identidade.

Um aspecto distintivo do capitalismo tardio é a cultura do consumismo exacerbado, na qual a produção e a aquisição de bens e serviços desempenham um papel central na vida das pessoas. Assim, a existência humana passa a ser marcada por um ciclo constante de produção, consumo e descarte. Por exemplo, a *Apple*, uma das mais conhecidas empresas do planeta, é frequentemente distinta por seu modelo de "obsolescência planejada", uma vez que os seus produtos, como o *iPhone*, são fabricados de forma que não possam ser consertados ou atualizados

após um determinado período de tempo. Além disso, os aparelhos da marca são programados de maneira que seus processadores de GPU começam a perder a sua capacidade de processamento quando um novo modelo de *iPhone* é lançado, forçando a compra de novos modelos de *iPhone* em seus consumidores (Abdullah, 2022).

Esse sistema é sustentado pela lógica de crescimento econômico sem limites, muitas vezes à custa de recursos naturais finitos e do bem-estar humano (Espinoza [s.d]). Isso levanta questionamentos cruciais sobre sustentabilidade, desigualdade e alienação, bem como sobre o papel do indivíduo como participante e crítico dessa cultura consumista. No gráfico abaixo (figura 1), a incidência de pesquisas no *Google* por “meu *iPhone* está travando” coincide com o lançamento de um novo *iPhone*:



Fonte: *Google Trends*; Laura Trucco (2014)³.

A cultura consumista é uma manifestação visível do modo como o capitalismo tardio enraizou-se na nossa existência diária. Sob essa perspectiva, os indivíduos são frequentemente instados a se definirem por meio de suas aquisições materiais, alinhando seus gostos e identidades com marcas e produtos. O consumismo não é apenas uma questão de comprar e possuir, mas de ser parte de um sistema simbólico complexo no qual as escolhas de consumo são influenciadas por narrativas de status, identidade e pertencimento social.

Em um contexto em que a produção e o consumo estão intrinsecamente ligados à geração de lucro, a cultura consumista muitas vezes intensifica a exploração dos recursos naturais e a exploração da mão de obra, levantando questões éticas e ambientais. A incessante busca por novos produtos e atualizações contribui para a obsolescência programada. Em decorrência disso, esse ciclo incessante resulta em um uso insustentável de recursos naturais e na geração de resíduos que ameaçam o meio ambiente e a saúde pública.

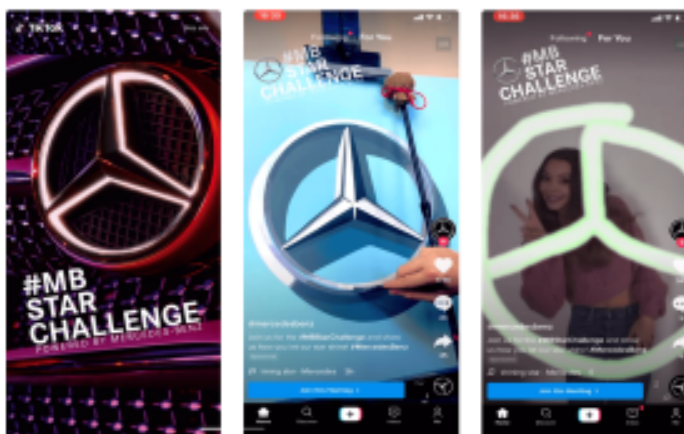
A maneira como as pessoas escolhem consumir e os produtos que adquirem frequentemente refletem não apenas suas preferências pessoais, mas também sua busca por significado e pertencimento dentro de uma sociedade moldada pelo consumo. Nesse contexto, os produtos muitas vezes transcendem sua função utilitária, tornando-se símbolos de status, conquistas e afiliações.

³ Disponível em: <https://www.dailydot.com/debug/iphone-planned-obsolescence/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

A busca por identidade e pertencimento é uma característica inerente à natureza humana. Na sociedade atual, onde as mensagens publicitárias constantemente vinculam a posse de determinados produtos a um estilo de vida desejável, muitas pessoas procuram incorporar esses produtos em suas vidas como uma maneira de se encaixar em grupos sociais específicos. As marcas e produtos não são apenas itens físicos, mas símbolos de afiliações culturais e identidades desejadas. A aquisição desses produtos pode, portanto, ser vista como uma busca por reconhecimento e validação dentro de uma comunidade ou cultura.

A influência das redes sociais amplificou essa dinâmica. Plataformas como *Instagram* e *TikTok* fornecem espaços onde as pessoas podem compartilhar detalhes de suas vidas, incluindo seus bens materiais, como exemplificado na figura 2. Isso cria uma esfera na qual os produtos adquiridos podem ser exibidos publicamente, solidificando a conexão entre identidade pessoal e consumo. A busca por aprovação e reconhecimento *on-line* pode intensificar ainda mais o desejo de adquirir produtos que se alinham com os padrões estabelecidos pela cultura consumista.

Figura 2 – Proliferação de propagandas nas redes sociais



Fonte: *TikTok* (2021)⁴.

Em muitos casos, a cultura consumista também está associada a estereótipos de *status*. Assim, certos produtos são colocados como símbolos de sucesso, riqueza ou elegância. A posse desses produtos não é apenas vista como uma expressão de gosto, mas como um indicador de conquistas pessoais e sociais. Isso pode levar a um ciclo no qual a busca por produtos de prestígio se torna uma busca por validação e reconhecimento dentro da sociedade.

Portanto, explorar a relação entre cultura consumista, identidade pessoal e social é essencial para compreender os impactos abrangentes do capitalismo tardio. Ao examinar como os produtos são utilizados como ferramentas para expressar pertencimento, status e identidade, podemos lançar luz sobre as complexas interações entre o indivíduo, a sociedade e o sistema econômico, abrindo espaço para reflexões críticas sobre o papel desempenhado pela cultura do consumo na formação de identidades contemporâneas.

Nesse contexto, o cinema tem se destacado pela exploração e reflexão sobre o capitalismo tardio. A sétima arte oferece um espaço no qual as complexidades desse sistema podem ser representadas, questionadas e interpretadas. Ao adentrar as tramas e os personagens das narrativas cinematográficas, é possível

⁴ Disponível em: <https://adespresso.com/blog/tiktok-advertising/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

compreender como o capitalismo tardio permeia a vida cotidiana, influenciando aspirações, relações e valores.

Mais um atributo no sistema do capitalismo tardio é a degradação de recursos naturais. Nesse contexto, em que a busca incessante pelo crescimento econômico muitas vezes se sobrepõe às considerações ambientais, torna-se fundamental examinar como as práticas de consumo desenfreado, a produção em larga escala e a exploração de recursos naturais estão contribuindo para problemas ambientais globais. A exploração insustentável de recursos, a poluição resultante de atividades industriais e a rápida urbanização são aspectos do modelo econômico que podem agravar os desafios ambientais (Pollock, 2020). Além disso, a busca incessante por lucro muitas vezes leva ao esgotamento de recursos biológicos, ao desmatamento, ao desgaste do ar e da água, assim como à produção de resíduos em larga escala.

Levando esta discursão social para uma construção artística, em *Wall-E* (2008), por exemplo, a terra é retratada como um planeta devastado pela poluição e pelo excesso de resíduos, uma representação sombria das consequências da exploração desenfreada dos recursos naturais (Pixar Wiki, 2023). Para o espectador atento desse filme, tem-se a conscientização sobre a importância da sustentabilidade também tem levado a ações individuais e coletivas. No âmbito social, os consumidores estão cada vez mais optando por produtos e empresas que adotam práticas sustentáveis, e movimentos de base têm pressionado por mudanças significativas nas políticas ambientais (McKinsey & Company, 2020), porém o caminho à sustentabilidade climática ainda é longo e árduo.

A relação entre sustentabilidade ambiental e capitalismo tardio é complexa e multifacetada. Enquanto o modelo econômico pode impulsionar práticas insustentáveis, também é um motor para a inovação através de ações interculturais impulsionadas pela comunicação globalista. O desafio reside em encontrar um equilíbrio que permita o crescimento econômico sem comprometer irremediavelmente o meio ambiente, reconhecendo que a busca por soluções sustentáveis é essencial para o nosso futuro.

Mais uma outra particularidade se desenrola no dia a dia do capitalismo tardio: a relação complexa entre a sociedade e a tecnologia. A luz de telas e dispositivos tecnológicos avançados ilumina cada canto do planeta Terra, onde as conexões virtuais muitas vezes eclipsam os laços pessoais, a privacidade (como os recursos naturais) se torna cada vez mais rara, e onde a busca incessante pela última inovação frequentemente obscurece a conexão humana com o meio-ambiente (Sydney University, 2022).

Nesse cenário, a tecnologia assume um papel proeminente, uma protagonista que conduz e aliena. Os dispositivos tecnológicos, com suas mídias táteis e aplicativos virtuais, tornam-se objetos de desejo, moldando nosso cotidiano. E, à medida que a tecnologia digital se infiltra no cotidiano humano, a imagem da interação humana tradicional começa a desvanecer, deixando para trás uma sensação de isolamento.

Relações humanas, anteriormente de substancial relevância para a nossa existência, atualmente demonstram vulnerabilidade, sendo corroídas não só necessariamente pela tecnologia como também pelo próprio capitalismo e sua cultura (Murtaza, 2010). Some-se a tudo isso o fato de conversações interpessoais cederem lugar à comunicação textual, e afetos serem comunicados por meio de ícones gráficos, e intimidade serem frequentemente reduzida a perfis virtuais. Nesse cenário, tecnologia e alienação coexistem de maneira interligada, estabelecendo uma internalidade.

É dentro dessa conjuntura que a sétima arte, em produções cinematográficas como *Wall-E* (2008), proporciona um meio de reflexão em relação à nossa sociedade contemporânea, desvelando nuances dessa relação e incitando à consideração a respeito do frágil equilíbrio entre tecnologia e viver humano. No entanto, uma faceta menos explorada dessa relação reside na metamorfose do trabalho e do lazer sob a égide do capitalismo tardio. O avanço tecnológico, ao mesmo tempo que oferece comodidades, também cria um ambiente onde a fronteira entre o tempo de trabalho e o tempo pessoal se desfaz. Agora, mais do que nunca, o espaço entre vida pessoal e ambiente de trabalho é cada vez mais diminuído, com o advento de tecnologias de comunicação instantânea toda a classe trabalhadora está submetida 24 horas por dia às demandas de suas direções ocupacionais; seus chefes e patrões.

4 PANORAMA FÍLMICO: UMA PERSPECTIVA INTERPRETATIVA

No filme *Wall-E* (2008), a relação entre a cultura consumista, a identidade pessoal e social é explorada de maneira crítica (Cao, 2017). A narrativa apresenta uma sociedade futurista na qual a Terra se tornou um local inabitável devido à superprodução, ao consumismo desenfreado e à acumulação excessiva de resíduos. O planeta está coberto por montanhas de lixo, os céus estão encobertos por uma névoa espessa de gases tóxicos e a vida selvagem está extinta. A paisagem é dominada por pilhas de produtos eletrônicos descartados, montanhas de embalagens vazias e uma paisagem urbana abandonada. Em síntese, este é um mundo em que o consumismo sem freios e a busca implacável pelo lucro transformaram o planeta em um depósito de lixo.

Durante todo o filme é notável a presença de uma corporação fictícia chamada de BNL (sigla de *Buy N Large* “Grande Compra”) que, por meio de aquisições corporativistas, alcançou um monopólio total de todos os tipos de recursos naturais da Terra. A humanidade foi forçada a abandonar o planeta, deixando para trás robôs como o protagonista Wall-E, encarregados de limpar a confusão feita pelos humanos.

Nesse cenário, a cultura do consumismo atingiu seu ápice, tornando-se a força motriz por trás da decadência da Terra. Wall-E, o protagonista robô, é um símbolo dessa cultura, já que ele passa seus dias coletando e acumulando objetos descartados pela humanidade. Esses objetos se tornaram parte de sua rotina e identidade, demonstrando como a aquisição e a posse de itens se enraizaram até mesmo em seres não humanos. A relação entre identidade e consumo é aprofundada quando Wall-E encontra uma tampa que ele coleciona como um tesouro. Essa tampa não é apenas um objeto, mas representa uma conexão com o passado humano e com uma ideia de pertencimento. Esse momento ressalta como os objetos podem se tornar pontos de ancoragem para a construção da identidade, independentemente da natureza do ser.

No entanto, a análise crítica não está apenas no que é mostrado, mas também na ausência. A humanidade no filme é representada como uma sociedade alienada, vivendo em uma nave espacial chamada Axiom. Os humanos nessa nave são dependentes de tecnologia para todas as suas necessidades e são cercados por produtos e entretenimento sem fim, mas carecem de conexões humanas reais e significativas. Essa ausência de relações interpessoais e de uma identidade genuína

revela a alienação inerente à cultura consumista exacerbada, onde a busca por produtos substitui a busca por conexões humanas autênticas.

Dessa forma, *Wall-E* (2008) demonstra analiticamente como a cultura consumista pode se entrelaçar com a formação da identidade pessoal e social. Ele questiona como a aquisição de objetos pode moldar a identidade e a busca por pertencimento, mas também destaca os vazios e as alienações que podem surgir quando a cultura do consumo atinge extremos. Em resumo, o filme oferece uma reflexão crítica sobre os efeitos psicológicos, sociais e ambientais da cultura consumista, lançando luz sobre as consequências de uma mentalidade baseada na posse e no excesso.

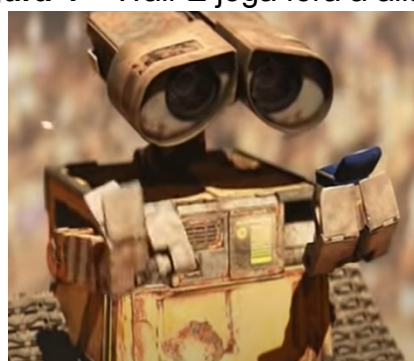
Wall-E é um robô obsoleto e corroído pela ferrugem que desempenha um papel de herói. Ele atua como o último robô de limpeza da terra, mantendo uma vigilância sobre o que foi abandonado pela humanidade. O personagem ocasionalmente direciona a atenção dos espectadores para o ambiente poluído por toxinas. Wall-E demonstra um interesse em coletar objetos de origem humana, que variam desde pequenos brinquedos a videocassetes. Ele mantém esses itens em uma sala reservada, servindo como um arquivo de relíquias que simbolizam o passado e a história da humanidade. Entre esses itens estão uma lâmpada, um cubo mágico, um pacote de doces e alguns brinquedos. Em uma das primeiras cenas do filme, Wall-E encontra uma pequena caixa contendo um anel de noivado (Figura 3), em seguida, o personagem joga fora o anel, mas guarda a pequena caixa, considerando-a mais importante e valiosa do que a aliança brilhante (Figura 4). Esta cena destaca a falta de interesse do personagem por bens materiais, levando em consideração que Wall-E, por meio de seu isolamento, não foi corrompido pelos ideais consumistas do capitalismo tardio.

Figura 3 – Wall-E encontra a caixa



Fonte: Print Screen do filme (2023).

Figura 4 – Wall-E joga fora a aliança



Fonte: Print Screen do filme (2023).

No entanto, Wall-E desempenha um papel como agente de transformação. Sua busca para acompanhar Eva, um robô de exploração vindo da Axiom, o impulsiona a iniciar uma jornada que eventualmente levaria ao retorno dos humanos à terra. Portanto, o personagem principal transcende sua função textual literal de herói. O subtexto metafórico central do personagem é a personificação da busca por conexão, preservação da história em um cenário progressivamente alienado e altamente tecnológico. Sua trajetória serve como um lembrete da necessidade de se manter uma identidade em um ambiente caracterizado pela supremacia capitalista.

A ironia na representação de Wall-E como tendo mais humanidade do que os próprios humanos a bordo da nave Axiom é uma das justaposições centrais do filme. Essa construção reside no contraste entre a humanidade genuína, a empatia e

conexão emocional que Wall-E demonstra em comparação com a apatia e a desconexão dos humanos a bordo da nave Axiom. O paradoxo central desta parte do filme se centra no fato de que Wall-E é um robô, uma criação da tecnologia, mas ele exibe traços humanos, como curiosidade e solidariedade. Ele tem uma conexão real com o mundo natural, cultivando uma planta em um sapato (Figura 5) e preservando objetos que contam a história da humanidade. É por meio desse interesse que Wall-E possui pela planta que o filme consegue retratar de maneira sutil como o personagem robótico possui um estilo de vida próximo da natureza humana.

Figura 5 – Wall-E cultivando uma planta



Fonte: *Print Screen* do filme (2023).

Em contraste, os humanos a bordo da Axiom são retratados como apáticos, alienados e completamente dependentes da tecnologia. Eles não têm conexão com o mundo natural, não têm interações emocionais significativas e passam a maior parte do tempo absorvidos por seus dispositivos. Assim, a ironia reside no fato de que, embora sejam seres humanos de carne e osso, eles perderam o que muitas vezes consideramos características humanas, como empatia, conexão interpessoal e uma compreensão real do mundo ao seu redor. Isto se conecta com mais uma questão abordada no filme: a alienação virtual.

A representação da alienação tecnológica no filme ecoa as dinâmicas do capitalismo tardio. Ao longo da narrativa, somos apresentados a uma sociedade humana que vive a bordo da nave Axiom, e essa representação é um espelho de nossa própria realidade no mundo contemporâneo. A bordo da Axiom, a tecnologia é onipresente e, paradoxalmente, é tanto a solução quanto a causa de muitos problemas. As pessoas estão constantemente imersas em telas e dispositivos que os mantêm entretidos e supostamente conectados.

Essa constante conexão virtual, no entanto, paradoxalmente leva à desconexão do mundo real e, mais importante, das relações humanas significativas. Na imagem abaixo, é ilustrado o uso excessivo de aparelhos eletrônicos pela população humana da Axiom. Toda a atenção está devota à tela holográfica (Figura 6), remanescente do uso de smartphones (Figura 7) nos dias de hoje. É relevante observar que, embora esses tipos de celulares ainda não existissem quando o filme foi lançado, a representação visual sugere uma correspondência com a realidade contemporânea.

Figura 6 – Humanos na Axiom

Fonte: UBC Blogspot: The Angry Vietnamese (2016)⁵.

Figura 7 - Smartphones na atualidade

Fonte: PsyPost (2020)⁶.

É interessante notar como a nave Axiom, que deveria representar o ápice do progresso tecnológico, se torna um ambiente estéril e alienante. Isso ocorre porque as pessoas vivem em uma realidade virtual, cercadas por comodidades automatizadas, mas estão desconectadas umas das outras. Neste espaço, as telas em seus rostos representam não apenas entretenimento, mas também uma forma de controle social, pois elas são usadas para direcionar as ações e escolhas das pessoas.

O filme sugere que a busca incessante por comodidade e entretenimento tecnológico pode levar a uma perda da experiência humana genuína, das interações pessoais e até mesmo da compreensão da realidade. Essa representação serve como um lembrete provocativo das complexas interações entre tecnologia, sociedade e capitalismo tardio, incentivando a reflexão sobre como equilibrar os benefícios da tecnologia com a necessidade fundamental de conexão humana e significado real em nossas vidas. Um detalhe adicional desta faceta socioeconômica que também possui uma representação no filme é o corporativismo.

Dentro do contexto do filme, a representação do monopólio corporativo pela fictícia corporação BNL é uma metáfora que demonstra as complexidades do capitalismo tardio em nossa sociedade contemporânea. A BNL é retratada como uma megacorporação que expandiu sua influência para abranger todos os aspectos da vida das pessoas a bordo da Axiom. Ela fornece desde alimentos e roupas até entretenimento e instrução. Essa concentração de poder corporativo representa uma extrema centralização de recursos e influência, muitas vezes associada a esta era de desenvolvimento econômico.

No mundo real, vemos a ascensão de gigantes corporativos que desempenham papéis significativos em diversas indústrias, controlando uma parcela considerável da economia global. Isso levanta questões sobre o poder desmedido dessas corporações, sua influência sobre as políticas governamentais e seu impacto nas dinâmicas socioeconômicas.

Ao retratar a BNL como uma corporação que domina totalmente a vida das pessoas na Axiom, o filme lança luz sobre as preocupações relacionadas à falta de concorrência e ao poder excessivo que as megacorporações podem exercer sobre

⁵ Disponível em: <https://blogs.ubc.ca/angryvietnamese/2016/02/17/revisiting-wall-e/>. Acesso em: 14 ago. 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.psypost.org/2020/07/people-who-are-easily-hypnotized-are-more-likely-to-be-addicted-to-their-smartphones-study-finds-57381>. Acesso em: 25 set. 2023.

as escolhas e o bem-estar das pessoas. Além disso, questiona a ética por trás das ações dessas corporações, especialmente quando se trata da exploração de recursos naturais e da busca pelo lucro.

A representação da BNL no filme não é apenas uma caracterização fictícia, mas uma crítica ao papel das grandes corporações no capitalismo tardio e uma provocação para uma reflexão mais ampla sobre as implicações sociais e econômicas desse sistema. Portanto, essa representação serve como um ponto de partida fundamental para uma análise mais aprofundada das complexas relações entre corporações, poder e sociedade no contexto do capitalismo tardio.

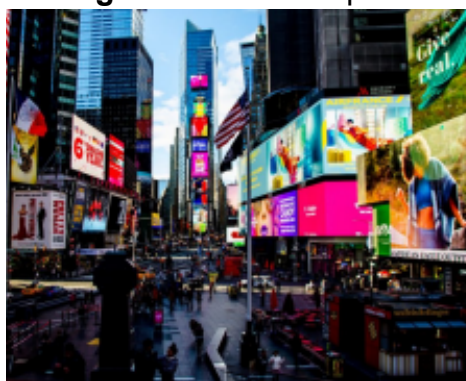
Durante diversas cenas dentro da nave Axiom, a narrativa incorpora a estratégia de exibir de maneira incessante os logotipos de produtos e serviços. Esses elementos de propaganda são habilmente integrados na paisagem da nave, preenchendo os espaços com hologramas caleidoscópicos e outdoors que brilham a cada hora do dia. Essa persistente inundação visual, por meio dos logotipos que dominam o ambiente, age como uma representação visual imersiva da constante presença da cultura consumista na vida dos passageiros da Axiom. Dessa forma, a direção do filme não apenas insere os espectadores na atmosfera da sociedade a bordo da nave, mas também utiliza a linguagem visual para reforçar a ideia de que a influência do consumismo e da tecnologia é onipresente, moldando a própria realidade e as percepções dos indivíduos. Nas figuras a seguir, uma comparação entre as propagandas fictícias da BNL (Figura 8) na nave Axiom e propagandas reais no distrito de Times Square, em Nova York (Figura 9).

Figura 8 - Axiom



Fonte: TypesetOfTheFuture.com (2021)⁷.

Figura 9 - Times Square



Fonte: Google Maps (2017)⁸.

⁷ Disponível em: <https://typesetinthefuture.com/2018/12/04/walle/>. Acesso em: 25 set. 2023.

⁸ Disponível em:

<https://www.exp1.com/blog/how-to-be-a-times-square-pro-when-you-visit-new-york-city/>. Acesso em: 20 set. 2023.

A identidade visual da fictícia corporação BNL é construída por meio do uso distinto de cores vibrantes, emulando o estilo visual de logotipos reais de empresas contemporâneas. A predominância das cores vermelho, azul e branco nos elementos associados à BNL não só atrai o olhar, mas também evoca uma sensação de familiaridade, lembrando os logotipos de marcas globalmente reconhecidas.

As cores, em geral, são ferramentas metafóricas comumente utilizadas por filmes. A possibilidade de inserir significados à trama de maneira mais sucinta faz parte do mundo cinematográfico desde seus primórdios e ainda é uma energia participante do mundo artístico não só no ramo da pintura, grafite ou escultura, mas também do meio teatral e fílmico. No livro *If It's purple, then somebody's gonna die* (Se é Roxo, Então Alguém Vai Morrer), escrito pela autora americana Patti Bellantoni e publicado em 2005 é defendida a seguinte ideia:

As cores influenciam as nossas escolhas, nossas opiniões, e nossos estados emocionais. Nossas sensações de euforia, ira, calma ou agitação podem ser intensificadas ou subjugadas pelas cores no nosso ambiente. Esta é uma importante informação nas mãos de diretores de filmes (Bellantoni, 2005, p. 23, tradução nossa⁹).

Bellantoni (2005) vai além dessa dinâmica cromática superficial, a autora também divide as cores em diferentes classificações emocionais e sensoriais. Assim, para ela, o vermelho é a cor do poder e tentação, da compulsividade, o azul assume o papel de passividade e frieza, mas também de confortabilidade, já a combinação tricolor nada sutil de branco, azul e vermelho ressalta a conexão com a bandeira dos Estados Unidos da América, o coração do capitalismo moderno, estabelecendo uma conexão com o sonho americano outrora alcançável.

A partir dessa contextualização prévia, não é difícil enxergar as cores do filme *Wall-E* (2008) como metáforas e símbolos. O vermelho, frequentemente usado em associação a promoções e chamadas de atenção, captura a essência consumista ao simbolizar o desejo de adquirir, como cita Bellantoni (2005):

O vermelho ardente é como uma “caféina visual”. Pode ativar sua libido, ou fazer você mais agressivo, ansioso, ou compulsivo. Na realidade, o vermelho pode ativar qualquer paixão latente que você esteja trazendo consigo mesmo, ou com o filme. Vermelho é poder. Mas vermelho não vem com um imperativo moral. Dependendo da história, vermelho pode dar poder ao herói ou ao vilão. Afinal, ambas a Bruxa Má do Oeste e Dorothy calçaram os sapatinhos de rubi (p. 25, tradução nossa¹⁰).

Mas as classes das cores não se limitam só a essas cores, o azul, comumente ligado à confiança e tecnologia, sugere a ideia de que a BNL é uma entidade benéfica e tecnologicamente avançada, ao mesmo tempo que tenta evidenciar uma natureza serena e calmamente fria, do mesmo modo que defende Bellantoni (2005):

⁹ Original: Colors influence our choices, our opinions, and our emotional state. Our feelings of euphoria or rage, calm or agitation can be intensified or subdued by the colors in our environment. This is powerful information in the hands of a filmmaker.

¹⁰ Original: Red is like visual caffeine. It can activate your libido, or make you aggressive, anxious, or compulsive. In fact, red can activate whatever latent passions you might bring to the table, or to the movie. Red is power. But red doesn't come with a moral imperative. Depending on the story's needs, red can give power to a good guy or a bad guy. After all, both the Wicked Witch and Dorothy wore the ruby slippers.

O azul pode ser um lago tranquilo ou um macio lençol de depressão. É quieto e desinteressado. Ano após ano, nossa investigação das cores mostra que, em ambientes azuis, as pessoas se tornam mais passivas e introspectivas. É uma cor para pensamentos, não para ações (p. 82, tradução nossa¹¹).

Já o branco, frequentemente relacionado à pureza e à simplicidade, pode ser interpretado como uma tentativa de transmitir a imagem de uma corporação pacífica e acessível. Essa paleta, tão comum nas identidades visuais de empresas contemporâneas, reforça a integração meticulosa da BNL na narrativa do filme, representando uma extensão visual da cultura consumista e da presença corporativa que permeia a sociedade retratada na obra artística.

Figura 10 - Identidade visual da BNL



Fonte: alextoons.com (2020)¹².

É por meio desses métodos esteticamente manipulativos que corporações conseguem redirecionar a atenção de consumidores em encontro com seus produtos e ideias na era do capitalismo tardio. Através dessa camada subtextual, o filme não apenas nos convida a refletir sobre as interconexões entre diferentes aspectos da sociedade contemporânea e a considerar como a cultura do consumo e a dependência tecnológica influenciam nossas escolhas e nossas maneiras de nos relacionarmos com outras pessoas e com nós mesmos, mas também nos leva a repensar como as cores são importantes no meio artístico, como é possível que esses pigmentos e luzes tenham um impacto psicológico tão abrangente nos espectadores.

O desfecho do filme desempenha uma função crucial na contextualização das reflexões sobre o capitalismo tardio apresentadas ao longo da narrativa. Ao final, testemunhamos a recuperação da Terra e a restauração da vida humana em seu ambiente original. Essa conclusão, apesar de aparentemente otimista, provoca uma análise mais profunda sobre a narrativa construída. O retorno da humanidade ao planeta sugere uma oportunidade de renovação, mas também levanta questões sobre se essa sociedade reformulada aprenderá com os erros do passado. O filme

¹¹ Original: Blue can be a tranquil pond or a soft blanket of sadness. It is quiet and aloof. Year after year, our color investigations show that in a blue environment, people become passive and introspective. It's a color to think to, but not to act.

¹² Disponível em: <https://alextoons.com/blog/2020/4/24/the-art-of-walle-pt6>. Acesso em: 20 set. 2023.

não oferece uma resposta definitiva, deixando espaço para interpretação. O enredo final, portanto, não confirma nem destrói completamente a ideia de uma sociedade fundamentada no capitalismo tardio. Em vez disso, serve como um convite à reflexão sobre como a humanidade, mesmo após enfrentar as consequências do consumismo desenfreado, pode moldar seu futuro de maneira mais consciente e sustentável. Essa ambiguidade proporciona uma conclusão aberta, convidando os espectadores a considerarem as implicações mais amplas das representações do capitalismo tardio apresentadas ao longo da narrativa cinematográfica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta análise de *Wall-E* (2008) à luz do capitalismo tardio e da cultura consumista, emerge uma compreensão das complexas interações entre narrativa cinematográfica e dinâmicas sociais. O filme, que inicialmente parece uma crítica à degradação ambiental e ao consumismo exacerbado, revela-se como uma reflexão crítica mais abrangente sobre as consequências psicológicas, sociais e ambientais dessa mentalidade.

As representações visuais orquestradas, desde os logotipos onipresentes da fictícia corporação BNL até os elementos de propaganda na nave Axiom, capturam de maneira magistral a essência da cultura do consumo e da dependência tecnológica. Esses elementos visuais aprofundam a narrativa ao transmitir uma sensação tangível da influência dessas dinâmicas em todos os aspectos da vida dos personagens, ilustrando a interconexão entre identidade pessoal, sociedade e sistema econômico.

Assim, *Wall-E* (2008) transcende seu papel como uma obra de entretenimento e assume o papel de um espelho crítico da sociedade contemporânea. Ele nos convoca a considerar não apenas as mensagens óbvias, mas também as camadas subtextuais que exploram a relação complexa entre cultura consumista, tecnologia e identidade. Ao término desta análise, somos desafiados a refletir sobre nossa própria relação com o consumismo, a tecnologia e os valores que guiam nossas escolhas, e a questionar como podemos moldar um futuro mais consciente e sustentável diante das questões apresentadas pelo filme.

A estrutura econômica do capitalismo tardio exerce uma influência profunda nas narrativas cinematográficas, desenhando um pano de fundo realista que reflete as dinâmicas sociais contemporâneas. Em filmes como *Wall-E* (2008), essa influência se desdobra de maneira intrincada, sendo incorporada tanto nos elementos visuais quanto nas tramas. As representações simbólicas e narrativas desses filmes muitas vezes ecoam as características do sistema socioeconômico, capturando as complexidades da cultura consumista, da alienação humana e das questões ambientais.

No cerne dessas representações cinematográficas está a capacidade de catalisar uma compreensão mais profunda das interações entre sociedade e sistema econômico. Ao testemunhar as implicações do consumismo descontrolado, da falta de responsabilidade ambiental e da dependência tecnológica na tela, os espectadores são incentivados a refletir sobre a pertinência dessas questões em suas próprias vidas. Através do engajamento emocional com personagens e enredos, esses filmes podem levar a uma avaliação crítica do presente e um questionamento sobre o futuro, despertando a consciência e ações individuais e coletivas.

As representações cinematográficas são mais do que meras reflexões da

realidade; elas têm o poder de espelhar, analisar e até mesmo instigar mudanças na sociedade. Em *Wall-E* (2008) e obras semelhantes, as características distintivas do capitalismo tardio são incorporadas às narrativas de maneiras que desafiam o público a explorar os efeitos mais amplos dessas dinâmicas econômicas. Como resultado, esses filmes se transformam em lentes críticas, permitindo que as complexidades da sociedade contemporânea sejam examinadas e compreendidas de forma mais profunda e holística.

Um fator final a ser considerado em relação a esse estudo são suas limitações dentro da esfera acadêmica. Por mais que os recursos utilizados durante o embasamento teórico desta análise não tenham sido raros ou vagos, ainda é necessário reconhecer que a compreensão de um assunto analogamente subjetivo como a crítica cinematográfica pode se caracterizar como arbitrário diante da visão de diferentes leitores. Diferentes estudantes e especialistas podem pertencerem a outras escolas de pensamentos e venham a desconstruir *Wall-E* (2008) de forma alternativa.

O intuito deste trabalho não foi uniformizar as diferentes perspectivas perante o filme e a arte do cinema em geral, mas a expor uma ideia textual conclusiva que possa levar em consideração teorias de interpretação de personagens e recursos audiovisuais dentro do contexto de um objeto de estudo do enquadramento geral social em que vivemos. Portanto é esperado que este estudo não só contribua para uma interpretação abstrata do filme como ferramenta de desconstrução do capitalismo, mas também para a aquisição de um possível interesse na análise literária em geral.

REFERÊNCIAS

ABDULAH. Apple is again accused of planned obsolescence of the Iphone. **GIZ CHINA**, 2022. Disponível em: <https://www.gizchina.com/2022/12/09/apple-is-again-accused-of-planned-obsolescence-of-the-iphone/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BELLANTONI, P. **If It's Purple Someone's Gonna Die**. New York: Elsevier, 2005.

CAO, M. Wall-E: A Story Inspired by the Bible, Essentialism and Modern Capitalism. **THE ANGRY VIETNAMESE**, 2017. Disponível em: <https://blogs.ubc.ca/angryvietnamese/2016/02/17/revisiting-wall-e/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

CONSUMERS care about sustainability—and back it up with their wallets. **MCKINSEY & COMPANY**, 2020. Disponível em: https://www.mckinsey.com/industries/consumer-packaged-goods/our-insights/consumers-care-about-sustainability-and-back-it-up-with-their-wallets#. Acesso em: 18 out. 2023.

EARTH (WALL-E). **PIXAR WIKI**, 2023. Disponível em: [https://pixar.fandom.com/wiki/Earth_\(WALL%E2%80%A2E\)](https://pixar.fandom.com/wiki/Earth_(WALL%E2%80%A2E)). Acesso em: 04 jun. 2023.

ESPINOZA, D.A. We live in a time of late capitalism, but what does that mean? And what's so late about it? **THE CONVERSATION**, 2022. Disponível em: <https://theconversation.com/we-live-in-a-time-of-late-capitalism-but-what-does-that-mean-and-whats-so-late-about-it-191422>. Acesso em: 04 jul. 2023.

FIGHT club. **ROTTEN TOMATOES**, 2014. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/fight_club#:~:text=Movie%20Info&text=The%20two%20bored%20men%20from.group%20crasher%2C%20attracts%20Tyler's%20attention. Acesso em: 10 jun. 2023.

MANDEL, E. **Introduction to Capital**. Introduction to volume 1, 1976.

MANDEL, E. **O Capitalismo Tardio**. 4ª ed. São Paulo: Abril S.A, 1982.

MARTIN, M. **A Linguagem Cinematográfica**. 2ª ed. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MÜLLER, C.; KAPPELHOFF, H. **Cinematic Metaphor**. Berlin: De Gruyter, 2018.

MURTAZA, N. **Pursuing self-interest or self-actualization?** From capitalism to a steady-state, wisdom economy. University of California, Berkeley: Elsevier, 2010.

POLLOCK, L. How Capitalism is a Driving Force of Climate Change. **PIT JOURNAL**. 2020. Disponível em: <https://pitjournal.unc.edu/2022/12/24/how-capitalism-is-a-driving-force-of-climate-change/#:~:text=Global%20economic%20growth%20leads%20to,the%20wealthy%20and%20the%20poor>. Acesso em: 18 out. 2023.

STEAINS, T. Film Symbolism: How to analyze Symbolism in film or TV. **MATRIX EDUCATION**, 2023. Disponível em: <https://www.matrix.edu.au/film-symbolism-matrix-cinematic-techniques/#:~:text=In%200cinema%2C%20many%20things%20can,often%20abstract%20%E2%80%93%20like%20an%20idea>. Acesso em: 31 jun. 2023.

THOMAS, L. Film Analysis and Why It's Important. **UVU REVIEW**, 2015. Disponível em: <https://www.google.com/url?q=https://www.uvureview.com/valley-life/artsculture/film-analysis-and-why-its-important/&sa=D&source=docs&ust=1670930961299405&usq=A0vVaw19eXleuTButWWijiKzCqgb>. Acesso em: 17 nov. 2022.

UNPACKING late capitalism. **THE UNIVERSITY OF SYDNEY**, 2022. Disponível em: <https://www.sydney.edu.au/news-opinion/news/2022/12/20/unpacking-late-capitalism.html>. Acesso em: 22 jul. 2023.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Produção: Jim Morris. Emeryville, CA: Disney-Pixar, 2008. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/video/751cab2c-5ed1-4dc7-bf75-bb88d488a409?distributionPartner=google>. Acesso em: 10 set. 2023.

WHY is narrative writing important?. **BRIGHT EDUCATION**, 2015. Disponível em: <https://brighted.funeducation.com/News/Common-Core-State-Standards-News/why-i>

[s-narrative-writing-important](#). Acesso em: 16 nov. 2022.

AGRADECIMENTOS

À orientadora Aline Oliveira do Nascimento, professora de tradução, pelas suas revisões e indicações de embasamento.

Ao professor Villian, pela sua presença na banca e aulas de literatura formativas.

Ao Prof. Kennedy, pela sua participação na banca avaliativa, muito obrigado pela sua presença